

5^a SEMANA ACADÊMICA
ENCONTRO DE PESQUISADORES DO IFRJ BELFORD ROXO
SEMANA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ECONOMIA CRIATIVA



Anais da 5^a Semana Acadêmica, 5^a Semana de Ciência, Tecnologia e Economia Criativa (SCTEC) e 5^o Encontro de Pesquisadores – Instituto Federal do Rio de Janeiro *campus* Belford Roxo

BRASIS E BAIXADAS: ENTRE PERMANÊNCIAS COLONIAIS E INDEPENDÊNCIAS

**Vivian Martins
Gabriela Sousa Ribeiro
(Organizadoras)**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO**

**REITOR
RAFAEL BARRETO ALMADA**

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO
ALESSANDRA CIAMBARELLA PAULON**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
MARCOS VINICIUS DA SILVA PEREIRA**

**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
ANA LUISA LIMA**

**PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
BRUNO CAMPOS DOS SANTOS**

**DIRETORIA GERAL DO IFRJ *CAMPUS* BELFORD ROXO
MARCIO FRANKLIN OLIVEIRA**

**DIRETORIA DE ENSINO
FLÁVIO GLÓRIA CAMINADA SABRÁ**

**DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO
FÁBIO PIRES VIANA**

Reitoria

Rua Buenos Aires, 256 - Centro. Rio de Janeiro/RJ. CEP: 20.061-002

Campus Belford Roxo

Av. Joaquim da Costa Lima, s/nº - São Bernardo. Belford Roxo/RJ.
CEP: 26.165-225. Telefone: (21) 3293-6078

EDITORA

Editora do IFRJ

REVISÃO TÉCNICA

Gabriela Sousa Ribeiro e Vivian Martins

IDENTIDADE VISUAL

Karine de Souza

Dados internacionais de Catalogação na Publicação.

Elaborada por Carolina Carvalho Rodrigues

Bibliotecária – CRB 7 n° 6988

I59 Semana Acadêmica do Instituto Federal do Rio de Janeiro campus Belford Roxo
(5. : 2022 : Belford Roxo, RJ)

Anais [recurso eletrônico] / 5ª Semana Acadêmica, 5ª Semana de Ciência, Tecnologia e Economia Criativa e 5º Encontro de Pesquisadores do Instituto Federal do Rio de Janeiro *campus* Belford Roxo, 8 a 12 de novembro de 2022. ; Vivian Martins, Gabriela Sousa Ribeiro (organizadoras). Dados eletrônicos (1 arquivo : ca. 700kb). Rio de Janeiro: IFRJ, 2023.

E-book. – Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader
ISBN 978-65-89293-17-0

1. Inclusão social. 2. Moda. 3. Artesanato. I. Souza, Vivian Martins Lopes de. II. Ribeiro, Gabriela Sousa. III. Semana de Ciência, Tecnologia e Economia Criativa do Instituto Federal do Rio de Janeiro campus Belford Roxo (5. : 2022 : Belford Roxo, RJ). IV. Encontro de Pesquisadores do Instituto Federal do Rio de Janeiro *campus* Belford Roxo (5. : 2022 : Belford Roxo, RJ). V. Instituto Federal do Rio de Janeiro *campus* Belford Roxo. IV. Título.

BIB/CBR

CDU 316

PRESIDENTE DA COMISSÃO ORGANIZADORA
Gabriela Sousa Ribeiro

**PRESIDENTE DA COMISSÃO CIENTÍFICA DE AVALIAÇÃO DE
TRABALHOS**
Gabriela Sousa Ribeiro

**COMISSÃO CIENTÍFICA DE AVALIAÇÃO DE
TRABALHOS**

Ana Adelaide Lyra Porto Balthar
André Monte Pereira Dias
Bárbara Boaventura Friaça
Cássia Mousinho de Figueiredo
Denise Loyola Silva Monteiro
Estevão Cristian da Silva Leite
Flávio Glória Caminada Sabrá
Gabriela Sousa Ribeiro

Heloísa Helena de Oliveira Santos
Jaqueline Gomes de Jesus
Jonas Soares Lara
Lívia de Meira Lima Paiva
Lucivania Filomeno Ponte
Vanessa Santos
Vivian Martins
Welton Fernando Zonatt

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - Vivian Martins

APRENDENDO A SER TRANCISTA: AS CONSTRUÇÕES POLÍTICAS E IDENTITÁRIAS EM CURSO DE FORMAÇÃO - Luane Bento dos Santos

BELFORD ROXO NA LUTA PELA PRÁTICA SOCIAL DE SEUS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE - Gabrielle Souza e Vivian Martins

CINEMA, ESTADO E RELAÇÕES ÉTICO-RACIAIS: ECONOMIA POLÍTICA RACIAL E TERRITORIAL - Rodrigo Fagundes Bouillet

CONTRIBUIÇÕES DO VITRINISMO PARA O ARTESANATO - Gabriela Sousa Ribeiro

CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DO PROJETO “VIVÊNCIAS ENTRELAÇADAS - MESQUITA EM LINHAS” - Ana Carolina Reis Cavalcanti Pimentel

FATORES DE RISCO ASSOCIADOS AO FEMINICÍDIO: CONTRIBUIÇÕES PARA O APRIMORAMENTO DE PRÁTICAS PREVENTIVAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER - Lívia de Meira Lima Paiva e Sandra Maria Pinheiro Ornellas

HORTA URBANA SOCIAL COM ÊNFASE NO EMPREENDEDORISMO - Nilda Paes de Azevedo

INDÚSTRIA E A APROPRIAÇÃO DA ESTÉTICA ARTESANAL - Joyce de Albuquerque

NA TRAMA DO FIGURINO - UMA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL POÉTICA - Ana Carolina Reis Cavalcanti Pimentel

O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ACESSO À JUSTIÇA POR MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E



FAMILIAR - Lívia de Meira Lima Paiva, Adriana Ramos de Mello, Maria Helena de Barros Oliveira, Rosangela Pereira da Silva, Thalyta Eloah Alves Santana, Letícia de Oliveira Machado e Mariana Cerqueira Abbud

PONTES DE SABERES E AS CONEXÕES ENTRE DIVERSAS NARRATIVAS - Dayane Brandão Pontes

REFLEXÕES SOBRE CUSTOS E PREÇOS DO PRODUTO ARTESANAL - Cassia Mousinho de Figueiredo e Estevão Cristian da Silva Leite

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O LUGAR DE FALA DO NEGRO NA CIÊNCIA - Thadeu Barbosa Gonçalves

RESIDÊNCIA INCLUIR NO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO: PENSANDO ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS AUTISTAS - Fernanda Carla da Silva Costa

UPCYCLING EM JEANS: RELATO PARA CONSTRUÇÃO DE UM PRODUTO DE MODA PRÓ-SUSTENTÁVEL - Amanda Olívia Silva

*O conteúdo e a revisão dos textos são de inteira responsabilidade das autorias. Nenhum trabalho foi modificado, salvo alterações necessárias no que tange à diagramação dos Anais, de acordo com as normas do edital de submissão de trabalhos.

APRESENTAÇÃO

Duas palavras são fundamentais quando pensamos nos trabalhos produzidos no IFRJ *Campus* Belford Roxo: *reexistir* e *reexistir*. E estas expressões são ainda mais importantes quando pensamos no contexto em que a 5ª Semana Acadêmica de Ciência, Tecnologia e Economia Criativa e o 5º Encontro de Pesquisadores do *campus* Belford Roxo do Instituto Federal do Rio de Janeiro foram construídos.

Somos uma escola incrustada na periferia que emerge como uma instituição que defende o direito à educação gratuita e de qualidade, com uma proposta que respeita a diversidade, a equidade e que promove os direitos humanos como ato inseparável do processo de ensino - aprendizagem.

Não obstante, os tempos sombrios que vivemos no passado recente, no qual o contexto político em que estávamos inseridos no período da semana acadêmica era de ataque ao que somos e ao que propomos – às políticas públicas, à diversidade, à educação libertadora e aos aspectos sociais da nossa nação – nos colocaram em estado de alerta, tensão e riscos. Em momentos assim, mais do que nunca é preciso resistir. E eventos como este, que fomentam a reflexão, são atos disruptivos e revolucionários.

Adicionamos ao debate a cena de caos fomentado pelo total desmonte institucional e proposital das instituições públicas que encontrou frente na constante e intensa luta por melhores condições para a educação e, em especial, para o nosso campus. Aqui, estabelecemos um outro campo no qual a palavra resistência ganhou um peso ainda maior, e adicionamos a isso a necessidade imposta pela pandemia, que nos obrigou a uma reinvenção do que fazíamos: a reexistir.

Assim, resistimos e reexistimos brava e coletivamente pela manutenção das instalações do *campus* Belford Roxo nesse território. Sendo esse, um constante lema para as discussões ao longo dos eventos de todos os tipos no campus e que não pode deixar de ser mencionado. Reiterar a necessidade do investimento na infraestrutura física da escola é garantir mais acesso, mais qualidade, mais ensino e mais desenvolvimento para o território e para a Baixada Fluminense.

As reflexões deste cenário estão articuladas aos textos que compõem estes anais que sistematizam as contribuições apresentadas ao evento que teve como tema “Brasis e baixadas: entre permanências coloniais e independências”. Vale lembrar que em detrimento das medidas sanitárias implementadas em função da pandemia da Covid-19, o formato do evento foi híbrido, com atividades online e presenciais (na cidade de Belford Roxo, Estado do Rio de Janeiro). Tal decisão é parte desta reinvenção que consideramos como a melhor solução para a problemática vigente e ainda ampliaríamos o diálogo com pessoas geograficamente dispersas.

Esta publicação reúne trabalhos que pautam a valorização do território da Baixada Fluminense, uma opção política, ética e estética das semanas acadêmicas e das semanas



de ciência, tecnologia e economia criativa do campus Belford Roxo. Eles trazem em comum um debate interseccional sobre corpos e territórios que têm em comum a regionalidade, a luta por melhores condições de vida e pela diversidade de culturas e articula suas discussões às temáticas primordiais do nosso campus: moda, artesanato e empreendedorismo. Dessa forma, o evento contou com sete áreas temáticas: (1) Direitos humanos, culturas e identidades: gênero/gêneros; (2) Gestão, design, moda e carnaval; (3) Cidades, territórios, culturas e acessibilidade; (4) Periferia é centro: processos artísticos e culturais em contramão; (5) Corpos, diversidades, identidades e culturas; (6) Design, artesanato e empreendedorismo e (7) Moda e sustentabilidade: gestão, design, materiais e processos.

Certos das contribuições que os textos selecionados apresentam para todos os campos de saber, especialmente a educação, ciência e tecnologia, desejamos aos leitores dos anais uma imersão textual de ótima qualidade. Que os escritos que estão por vir sejam um estopim de esperança por dias melhores.

Vivian Martins
Frederico Mendes de Carvalho

APRENDENDO A SER TRANCISTA: AS CONSTRUÇÕES POLÍTICAS E IDENTITÁRIAS EM CURSO DE FORMAÇÃO

SANTOS, Luane Bento dos; Doutora em Ciências Sociais/PUC-Rio;PUC-Rio
e ABPN; luanebentosantos@gmail.com

RESUMO

No contexto contemporâneo, há uma variedade significativa de cursos de formação para trancistas. No estado do Rio de Janeiro, muitos cursos são realizados na modalidade virtual e presencial. Estes cursos são divulgados em mídias eletrônicas, nos perfis das redes sociais, tais como *Instagram* e *Facebook*, assim como em sites de notícias, programas televisivos e em reportagens de jornais de pequena e grande circulação. Muitos cursos são oferecidos em modo presencial e modo on-line. Podem ser gratuitos e privados. Promovidos por instituições da esfera federal, estadual, municipal e de setores privados. Segundo os dados extraídos do mapeamento eletrônico para realização da tese de doutorado *“Trancista não é cabeleireira!”: identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro (2022)* cerca de trinta e sete por cento (37%) das trancistas que responderam ao formulário eletrônico da pesquisa aprenderam a trançar cabelos em cursos particulares e gratuitos. Os cursos de longa e curta duração também são os responsáveis pela atualização profissional de um número expressivo de trancistas – quarenta e cinco por cento (45%) das respondentes do questionário colocaram que se atualizam profissionalmente através desses espaços. Os cursos para formação de trancistas além de serem espaços que ensinam técnicas corporais e manuais de manipulação da aparência também podem ser considerados como espaço de formação política e de educação para a autoafirmação da identidade negra. Este trabalho tem por objetivo descrever as atividades que ocorrem num curso para trancista que é localizado no bairro de Madureira, cidade do Rio de Janeiro/RJ. Compreende-se que as atividades, o cotidiano de formação, ou seja,

os processos formativos que emergem nesse espaço têm aspectos políticos que buscam a autoafirmação de mulheres negras, a autonomia econômica e que sobretudo trazem um olhar político para as estudantes em relação as culturas afrodiáspóricas e as construções corpóreas. Os estudos do campo do Feminismo Negro, Decolonialidade, Antropologia Social e Relações Étnico-raciais são usados para orientar as reflexões sobre a formação das transgêneras, principalmente no que se refere a um ativismo político que precisa de maiores atenção no espaço acadêmico. Um ativismo político como ressalta Patrícia Collins (2019) que não é tradicional como os dos sindicatos e partidos, contudo, é uma forma de ativismo feito por mulheres negras e pouco compreendido no meio acadêmico que parte de um olhar baseado nas teorias políticas clássicas. Sendo assim, o texto trata desde estratégias políticas de sobrevivência das mulheres negras para se manterem ativas no mercado de trabalho, como também aborda as micro ações que esse grupo toma em espaços institucionalizados tendo por objetivo garantir reflexões sobre as questões étnico-raciais e a relevância de pensar a estética negra como um tema político identitário. Vale ressaltar que o trabalho é resultado de uma etnografia realizada em novembro de 2021 e está apoiado nas seguintes ferramentas metodológicas: levantamento bibliográfico, revisão de literatura, roteiro de entrevistas semiestruturadas, caderno de campo e observação participante. Outrossim, o texto também tem como proposta discutir sobre as políticas de autoamor e cuidados que emergem nos espaços dos cursos para transgêneras e como elas podem ser vistas a partir de uma perspectiva decolonial. Em suma, o estudo tratará do processo de formação para transgênera e enfatizará como esse processo está carregado de processos políticos que buscam enfrentar o racismo, sexismo, machismo e colonialidade.

Palavras-chave: Relações Étnico-raciais; Transgêneras Afro; Identidade Negra; Cursos para Transgêneras.

BELFORD ROXO NA LUTA PELA PRÁTICA SOCIAL DE SEUS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE

SOUZA, Gabrielle; Graduada em Comunicação Social
Bolsista PIBIC Jr. Instituto Federal do Rio de Janeiro; gabriellesouza242@gmail.com;

MARTINS, Vivian; Doutora em Educação;
Professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro;
vivian.lopes@ifrj.edu.br;
Grupo de pesquisa Território, Cultura e Identidade (IFRJ)

RESUMO

Belford Roxo é uma cidade que carrega um estigma relacionado à violência, principalmente pelo fato de no período entre as décadas de 70 e 80, acidade ter sido considerada pela UNESCO o lugar mais violento do mundo (ALBUQUERQUE; SILVA, 2020). Para ir além desse estigma, buscamos compreender a cidade pelos usos e consumos (CERTEAU, 1994) de seus praticantes.

A cidade, conhecida como “cidade do amor”, vai muito além da criminalidade, é um lugar onde as pessoas se tratam como conhecidas, onde alunos e professores lutam pela educação, onde encontram sorrisos, o “velho brejo” e o antigo engenho de açúcar. Onde, assim como o hino, é o lugar onde o sol nasceu sorrindo, com sua gente vivida, sofrida e valente, gente que progride, trabalha e estuda. Uma gente aguerrida, que batalha para viver sua cidade em plenitude.

Esses direitos mal reconhecidos torna-se pouco a pouco costumeiros antes de se inscreverem nos códigos formalizados. Mudariam a realidade se entrassem para prática social: direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, à habitação, aos lazeres, à vida. Entre esses direitos em formação figura o direito à cidade (não à cidade arcaica mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais etc) (LEFEBVRE, 2010, p. 139).

Compreendemos a cidade como potência para ampliar a consciência e promover a autonomia (FREIRE, 2011) dos cidadãos ativos na vida urbana Entendendo que cidadãos e cidades se desenvolvem mutuamente nesse processo, buscamos elaborar uma pesquisa que mapeie e dissemine espaços comunitários. Em especial, inspiradas no diálogo com Lefebvre (2010), para quem o direito à cidade mudaria a realidade se entrasse para a “prática social”.

A presente pesquisa possui como objetivo realizar um mapeamento de espaços

comunitários, em especial, de educação, cultura e arte na cidade de Belford Roxo e verificar se esses espaços desenvolvem projetos educativos. Acreditamos que a disseminação desses espaços amplie a possibilidade de que eles entrem para a prática social, desfazendo estratégias dominantes de expropriação da classe operária do contexto citadino, com uma revolução urbana pela classe operária, que contrarie a destruição da urbanidade e incentive o direito à cidade.

Para a fase inicial desenvolvemos uma pesquisa exploratória, que resumidamente possui como objetivo examinar temas pouco estudados ou se aprofundar em determinado assunto, desenvolvemos a pesquisa exploratória para buscar locais que desenvolvam educação, arte e cultura dentro do município em destaque. A pesquisa contou com diferentes fontes: 1) dados obtidos através de pesquisa na internet, como site e redes sociais de cada local ou projeto situado em Belford Roxo; 2) informações obtidas em conversas com George Ferreira Laum, professor e coordenador de um dos projetos encontrados na pesquisa. Além da experiência de uma das pesquisadoras, obtida através de sua vivência como moradora da cidade e até mesmo como frequentadora assídua de alguns dos projetos estabelecidos como recorte da pesquisa.

Após o primeiro contato com os espaços comunitários, houve uma análise para compreender se esses espaços desenvolvem projetos educativos. E na segunda etapa do estudo, descrevemos os espaços que estavam em coerência com os objetivos da pesquisa em um quadro e mapeamos os referidos locais utilizando o Google My Maps (MARTINS; SANTOS; CORREIA, 2020), os dois resultados serão expostos a seguir.

Quadro 1: detalhamento dos pontos de educação, cultura e arte de Belford Roxo.

Nome	Detalhes	Local
Afoxé Raízes Africanas https://www.afoxeraizesafricanas.com/	Associação cultural e recreativa, onde oferecem shows, oficinas e palestras. Busca levar a sabedoria ancestral, ensinamentos e aprendizados da cultura afro na Baixada Fluminense.	R. Doná Odete, 10 - Nova Piam, Belford Roxo - RJ, 26116-590.
Calvi Rio https://calvirio.org/	A Calvi Rio tem objetivo de acolher crianças em situação de risco e oferece a elas e suas famílias apoio proporcionando cuidados básicos e acolhendo com carinho e afeto. É oferecido além da alimentação, saúde e convivência familiar, educação e cultura. Dando suporte com aulas de música, esportes, reforço escolar e apoio familiar.	Rua Maria Peixoto, nº4 - Outeiro - Belford Roxo/RJ CEP: 26.183-615.
Casa da Cultura http://mapadecultura.com.br/manchete/casa-da-cultura-de-belford-roxo	A casa da cultura promove diversos cursos que contribuem para que jovens possam obter ascensão social. Além disso, promove ações de lazer e cultura, com projetos e aulas de teatro, dança, capoeira,	Av. Bob Kennedy - Nova Piam, Belford Roxo - RJ, 26115-560.

	violão, bateria, artesanato para diversas faixas etárias, a partir de 5 anos.	
Centro Cultural Dom Hélder Câmara https://www.facebook.com/profile.php?id=100057456758592&locale=hi_IN	Promove ações sociais, culturais e educacionais. Contribui para várias ações e festividades junto à comunidade. Durante todo o ano o Centro Cultural é aberto para que todos possam usufruir, de forma acessível aos moradores. Oferta aulas de ballet, lutas, teatro e outros.	Rua Padre Egídio Camerlynck, 220, Belford Roxo, RJ.
Centro Cultural Donana http://www.donana.org.br/	Desde a década de 80 vem trazendo manifestações em forma de arte, educação e cultura. O centro cultural conta com palestras, oficinas, dança, arte, saraus, todo tipo de representação e manifestação de construção e desconstrução. Conta com oficinas artísticas como dança, pintura e de poesias, por exemplo, filmes, palestras, moda, de forma a contribuir com a educação e a arte na vida de moradores locais.	Rua Aguapey, 197 - Piam - Belford Roxo, RJ.
Coletivo Transcultura https://www.facebook.com/BxdTranscultural/?ref=py_c	Uma roda de cultura que acontece uma vez ao mês com intuito de acolher os artistas, propõem rodas de conversas, workshops e exposições. Além de levar a educação a todos os jovens, proporciona acolhimento e exposição de artistas locais.	Cada roda acontece em um lugar diferente.
Museu Vivo de Areia Branca https://www.facebook.com/profile.php?id=100082569161281	Possui como objeto captar e juntar toda a história, patrimônio e cultura do Nosso Velho Brejo, iniciando uma releitura da história da cidade. Esse museu vai fazer uma ponte de contato com alunos e professores oferecendo rico e vasto conhecimento e experiência educacional, apresentando as lutas e esperanças da população local.	Rua Maryelza, 47 - Areia Branca, Belford Roxo - RJ, 26112-310
Pré-vestibular Comunitário Paulo Freire https://sites.google.com/view/paulofreirepvc/	Pré-vestibular comunitário, os professores trabalham de forma voluntária e os estudantes podem contribuir com um valor simbólico para manter o local, como luz, água, folhas e outros. Muitos alunos que não podem custear conseguem estudar de graça e se prepararem para vestibulares e concursos. Além das aulas de todas as matérias do plano escolar regular, contém aulas temáticas, debates, criação de saraus. Muitos alunos de lá se tornaram professores e hoje também contribuem com o projeto.	Rua Padre Egídio Carmelinck, 78, Lote XV, Belford Roxo, RJ, Brasil.
Projeto Marvin https://www.facebook.com/profile.php	Rede de apoio comunitário que tem como objetivo ajudar no desenvolvimento de projetos sociais no Bairro de Itapoã. Com ajuda de voluntários, o projeto Marvin oferece reforço escolar, pré-vestibular	Rua Violeta Griffont 23, no espaço da igreja católica de nossa

cultura a quem mais precisa. Afinal, a educação transforma, liberta e abre portas para múltiplas possibilidades. Pela educação podemos conhecer um mundo mais justo. Torcemos para que esses espaços ganhem força e entrem de vez para a “práticasocial” de Belford Roxo.

Palavras-chave: Educação. Territórios. Espaços de cultura e arte. BelfordRoxo.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Enderson; SILVA, Ana Beatriz Barbosa. De lugar mais violento do mundo a lugar do samba – carnaval e identidade na baixada fluminense. **Revista eletrônica da associação dos geógrafos brasileiros**. Três Lagoas - v. 1, nº 32, 2020.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. 2. reimp. São Paulo: Centauro Editora, 2010.

MARTINS, Vivian; SANTOS, Edméa; CORREIA, Ana-Paula. Google My Maps as a conduit to culturally rich learning experiences. In: **Association for Educational Communications and Technology International Convention**, 2020, Jacksonville. Proceedings, 2020. Disponível em:
https://members.aect.org/pdf/Proceedings/proceedings20/2020i/20_06.pdf Acesso em 02 out. 2022.

CINEMA, ESTADO E RELAÇÕES ÉTICO-RACIAIS: ECONOMIA POLÍTICA RACIAL E TERRITORIAL

BOUILLET, Rodrigo Fagundes; Mestre;
Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais do Centro Federal de Educação
Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (PPRER-CEFET/RJ);
bouillet@gmail.com

RESUMO

A comunicação deriva dos estudos de uma pesquisa de dissertação que, através do recorte racial na sociedade de classes, analisou as disputas pela hegemonia das políticas públicas contemporâneas destinadas ao Cinema Brasileiro de longa-metragem. Mais especificamente, os processos e procedimentos acionados pelos agentes do campo a partir das tensões e conflitos instaurados para superação ou continuidade do quadro racial assimétrico na interlocução junto ao Estado. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa descritiva (ao tentar determinar o funcionamento das categorias raça e classe) de natureza qualitativa (ao buscar interpretações dos fenômenos de discriminação e desigualdade no contexto sócio-histórico). Tendo como aporte teórico- metodológico a Economia Política da Cultura (MOSCO, 2009), busca-se compreender os agentes envolvidos e as forças de mudança nos contextos sociais, culturais, políticos e econômicos do cinema e da sociedade de classes brasileira para o “estudo das relações de poder daí decorrentes e, dessa maneira, informar uma práxis social emancipatória” (LOPES, 2016). Mosco, em sua teoria da estruturação, sugere analisar a raça como categoria, relacionamento social e formação. Aplicada ao cinema, no primeiro caso, seguindo todos os indicadores de vulnerabilidade social, observa-se o acesso precário da população negra aos meios de produção bem como aos recursos públicos, com uma ausência histórica de pessoas negras na direção de filmes (CÂNDIDO ET AL., 2014); no segundo, nota-se a produção de hierarquias, relegando “as pessoas negras aos cargos e funções de menor prestígio nas produções cinematográficas” (CARVALHO, 2003), a sobre-representação branca nos elencos dos filmes e a reforço de estereótipos de pobreza, exercício de subprofissões, criminalidade e encarceramento associadas às pessoas negras (CÂNDIDO ET AL., 2016); e, no último, analisa-se a raça como um elemento de mobilização e de mediação de reivindicações políticas. A quase ausência de negras e negros na função de direção dos filmes brasileiros vem sendo tensionada nos últimos anos por este grupo social. Isso implica relações com a classe cinematográfica estabelecida e com o Estado, dado o alto grau de subvenção implicado na atividade do país. Entendemos tal imbricação a partir do racismo como elemento estrutural da organização econômica e política das relações sociais capitalistas (ALMEIDA, 2018). Desde a década de

1990, o movimento negro brasileiro vem logrando uma série de conquistas institucionais, sendo a identidade racial acionada como fator de mobilização e reivindicação. Nos debates sobre as políticas públicas de fomento para a realização de longas-metragens o protesto negro tem se projetado em três frentes: a representação (nos termos da produção de imagens de corpos negros hegemônicas por pessoas brancas), a autorrepresentação (a necessidade de pessoas negras produzirem imagens de corpos também negros), e a representatividade (a ocupação do posto de direção cinematográfica). Esta última, quando incorporada à agenda estatal, observando o contexto do fomento à produção e da circulação dos filmes, insere-se em dilemas históricos do campo cinematográfico institucionalizado em suas relações com o Estado bem como seu papel subordinado na divisão internacional do trabalho. Dentre as questões internas, os negócios do Cinema, seguindo a formação econômica brasileira, encontram-se hiperconcentrados nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente em suas capitais. O Cinema Negro reproduz o mesmo processo. Dos 1.908 filmes lançados comercialmente entre 1995 e 2019, um total de 24 foram dirigidos por pessoas negras (LISTAGEM, 2020). Destes, apenas 6 obras têm empresas produtoras baseadas em outros estados e somente 5 advêm de cidades que não são capitais de seus estados. Desta forma, a territorialidade apresenta-se como categoria determinante no debate sobre as políticas públicas para o cinema.

Palavras-chave: Cinema Brasileiro; Estado; Relações Étnico-Raciais; Territorialidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CANDIDO, M. R.; CAMPOS, L. A.; FERES JUNIOR, J. “A Cara do Cinema Nacional”: gênero e raça nos filmes nacionais de maior público (1995-2014). Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ), n. 13, 2016, ppág. 1-20.

CANDIDO, M. R.; MORATELLI, G.; DAFLON, V. T.; FERES JÚNIOR, J. “A Cara do Cinema Nacional”: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012). Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ), n. 6, 2014, ppág. 1-25.

CARVALHO, N. dos S. O negro no cinema brasileiro: O período silencioso. Plural (São Paulo. Online), São Paulo, v. 10, pág. 155-179, jan. 2003. ISSN 2176-8099.

LISTAGEM de filmes brasileiros lançados 1995 a 2019. Agência Nacional do Cinema, 04 nov. 2020. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/cinema>. Acesso em 10 jun. 2021.

LOPES, R. S. Economia política da comunicação e da cultura: aportes para a formação de um campo disciplinar. PragMATIZES, Niterói, Universidade Federal Fluminense, n. 10, 2016.

MOSCO, V. The Political Economy of Communication, second revised edition, London: Sage, 2009.

CONTRIBUIÇÕES DO VITRINISMO PARA O ARTESANATO

RIBEIRO, Gabriela Sousa; Doutora em Urbanismo
Instituto Federal do Rio de Janeiro,
gabriela.ribeiro@ifrj.edu.br
Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Identidade

RESUMO

A cultura é permeada por disputas e relações de poder. Para Vaz e Jacques (2001), um dos usos da cultura é como instrumento de desenvolvimento econômico capaz de gerar revitalização urbana. Este processo acontece em um período neoliberal globalizado, em que as questões econômicas passam a ser prioritárias e defendidas como solução para questões sociais. Mesmo passados mais de 20 anos da publicação, a agenda neoliberal continua vigente e, cada vez mais, a cultura vem sendo usada como ferramenta para a disputa entre as cidades de qual consegue ser mais vendável por meio da cultura e atrair mais investimentos externos. O elo de aproximação entre design e artesanato também se insere nesse mote.

Nos últimos tempos, tem-se assistido à propagação da intervenção de design na produção artesanal como “agregadora de qualidade” ao produto e a “solução para transmitir a artesãs/ãos as demandas do mercado”. Com base em Santos (2009), entendemos que tais situações são exemplos de poderes verticais de “profissionais letrados” sobre “profissionais não-letrados” atuantes no artesanato.

Nessa disputa de forças, no nosso entendimento, o design “ganha” a chancela para atuar e intervir no artesanato por questões culturais da nossa sociedade, que, associando-o à cultura popular, ainda entende o artesanato como algo menor e anacrônico. Para Sennett (2009), a perícia artesanal está sendo subestimada ao ser comparada, exclusivamente, à habilidade manual, como se ela se desse independente do ser pensante. O autor adverte que as mãos não estão separadas da cabeça

A partir de pesquisas bibliográficas e observações assistemáticas em situações reais em espaços de venda de artesanato de cidades brasileiras, como Caruaru, Recife, São Luís, Belém, Belford Roxo e Rio de Janeiro, objetivamos problematizar que uma das maiores contribuições do design para o artesanato é o vitrinismo. Ponderamos que, ao invés de atuar diretamente na concepção de novas peças para a/o artesã/o executar, a/o designer poderia contribuir auxiliando a comunidade artesã a expor suas peças de modo mais atraente, oferecendo-lhe noções de vitrinismo, de modo que a apresentação das peças em lojas, barraquinhas e demais espaços de venda de artesanato possibilitasse maior destaque às mesmas, atraindo mais compradores em função do reforço dos aspectos socioculturais presentes nos artefatos e em seus espaços de

venda.

É papel do vitrinismo possibilitar a melhor visualização dos produtos, despertando e aumentando o desejo de compra. “As vitrinas não refletem em seus vidros apenas o sujeito consumidor que para um momento para vê-las, mas a própria cidade é nelas refletida; além disso, as vitrinas fazem parte da arquitetura local e podem ser um dos traços identificadores das cidades e de seus bairros” (DEMETRESCO, 2001).

Consideramos, portanto, que um bom trabalho de vitrinismo de produtos artesanais “amarra” o ciclo necessário para mostrar os traços sociais, culturais e identitários de determinada localidade em que o artesanato é feito. Já que, para Canclini (1983), estão implícitos no artesanato os aspectos socioculturais da comunidade onde essas peças são feitas. Há no artesanato um aspecto sociológico comunicador. “Os objetos artesanais se diferenciam dos industriais pela significação sociológica e comunicadora que carregam sobre determinada localidade” (CANCLINI, 1983). Artesanato e suas vitrinas, portanto, transmitem e reforçam as culturas e identidades de uma população.

Os espaços de venda de artesanato, seus produtos e as vitrinas que os compõem, sejam em centros de artesanato, lojas ao longo da cidade, em locais considerados turísticos, em aeroportos, ou mesmo feiras de artesanato com barraquinhas, não são simples espaços de venda, são espaços de trocas culturais, sociais, identitárias, políticas. Figuram na cidade tanto como espaços turísticos quanto como espaços comerciais carregados de valores e símbolos a serem apreendidos e trocados entre os diversos usuários do local, tanto população local como externa, em função dos próprios produtos comercializados e dos espaços em si, podendo ser considerados bens culturais (RIBEIRO, 2016).

Se a cultura é um dos principais vetores de disputas entre cidades, é necessário buscar meios para propagá-la e valorizá-la, meios para se entender que localidade é essa e reforçar sua identidade. A partir do artesanato podem ser traduzidos os aspectos socioculturais da população. Já as vitrinas compõem e reforçam a paisagem urbana. A valorização do artesanato através de uma vitrina eficiente é fundamental para o reforço da identidade e cultura da população que compõe e dá vida e significado a essa localidade.

Palavras-chave: Vitrinismo; Disputa de forças; Artesanato; Design.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução: Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora brasiliense, 1983.

DEMETRESCO, Sylvia. **Vitrinas: construção de encenações**. São Paulo: SENAC, 2001.



RIBEIRO, Gabriela Sousa. “**Sou um boneco de Mestre Vitalino**”: a cadeia artesanal pernambucana e a mercantilização da cultura. Tese (Doutorado em Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2016

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

VAZ, Lilian Fessler; JACQUES, Paola Berenstein. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana. **Anais**. Encontros nacionais ANPUR, v. 9, 2001.

CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DO PROJETO “VIVÊNCIAS ENTRELAÇADAS - MESQUITA EM LINHAS”

PIMENTEL, Ana Carolina Reis Cavalcanti; Bacharel em Produção Cultural;
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ); anacarolina.rcpimentel@gmail.com;

RESUMO

"Vivências entrelaçadas - Mesquita em Linhas" é uma produção audiovisual que retrata de forma poética o processo de criação e produção de uma peça de vestuário construída a partir de técnicas manuais e inspirada nas vivências e narrativas presentes na história da cidade de Mesquita, localizada na Baixada Fluminense. Além disso, o vídeo apresenta uma performance artística na qual a peça produzida se transforma em figurino e é utilizada por uma atriz que também é moradora da cidade.

Selecionado no Edital de Seleção Pública para Produção em Artes e Fomento Cultural, o projeto foi realizado com recursos da Lei Aldir Blanc através da Prefeitura Municipal de Mesquita.

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência de idealizar e produzir um produto audiovisual que retrata de forma subjetiva um processo artístico e também a realização de uma performance artística, ambos tendo como base as vivências e a história da cidade de Mesquita. A respeito da metodologia, este é um estudo descritivo no formato de relato de experiência que foi elaborado com base no trabalho de idealização e produção do vídeo artístico poético intitulado “Vivências Entrelaçadas - Mesquita em Linhas” que ocorreu entre os meses de dezembro de 2020 e agosto de 2021.

O projeto foi criado com o intuito de realizar uma produção que aliasse diversos tipos de arte e valorizasse a aproximação entre a arte e a vida, trazendo reflexões e questionamentos e que, além disso, reconhecesse a importância do fazer manual, estimulando sua prática e também promovendo um olhar sensível e poético sobre esses processos artísticos.

Toda a atmosfera do vídeo tem a intenção de ilustrar o tempo da criação manual, um tempo de calma, contato e sensibilidade, uma vez que é uma construção que alia corpo e mente, sendo marcada por diversos atravessamentos, experimentações e descobertas.

Com duração aproximada de 15 minutos, o vídeo possui a narração de um texto poético que fala sobre a importância de aceitar e viver os processos que permeiam o momento de criação, desde os períodos de descanso, até os de pesquisa e produção. A peça foi criada a partir de técnicas manuais como bordado, pintura, aplicação e tingimento natural e o vídeo é finalizado

com uma apresentação na qual a atriz convidada utiliza a obra criada, fazendo com que seu corpo se torne o suporte para a peça ganhar vida.

Feita com tecido de algodão cru, a peça produzida conta com bolsos tingidos naturalmente com casca de cebola e com aplicação de molduras de formatos e materiais variados que ficam penduradas pela parte da frente da peça. Na parte das costas, estão presentes os nomes dos bairros de Mesquita, além de aplicações de tiras de tecido também tingidos com casca de cebola e bordados lineares formando caminhos e percursos.

A performance foi gravada no Centro Cultural Oscar Romero, espaço que funciona desde 1985 e é um dos principais aparelhos culturais da cidade de Mesquita, e acompanha a personagem que recebe a peça produzida, a veste e depois se prepara para ir até o Centro Cultural. Com movimentos calmos e com uma expressão contemplativa, ela passa um tempo na biblioteca, apreciando o local, lendo um livro e dançando. De uma forma quase ritualística, ela começa a deixar suas marcas através de pequenos pedaços de papéis com escritos que fazem referência a história de Mesquita, como se fossem pequenos fragmentos. Alguns dos nomes e expressões foram “Terras de Iguassú”, “Ser um local de passagem”, “Ser uma ponte para novos destinos”, “Engenho da Cachoeira” e “Estação Mutambó”.

A apresentação artística é encerrada com a atriz deixando um último papel no portão do Centro Cultural, no qual é possível ler a frase “Ser permanente e também passageiro”, fazendo uma alusão a diversas características de Mesquita, que também são compartilhadas com suas vizinhas da Baixada Fluminense como as linhas do trem, o apelido de “cidades dormitórios” e ser vista como um território de passagem.

Toda a equipe do projeto foi composta por pessoas que são moradoras de cidades da Baixada Fluminense, sendo que a idealizadora e produtora é moradora da própria cidade de Mesquita.

O vídeo foi lançado nas redes sociais, Instagram e Facebook, da Prefeitura Municipal de Mesquita no dia 10 de agosto de 2021 e também foi exibido na Mostra de Audiovisual em comemoração ao aniversário da cidade, evento que ocorreu no Centro Cultural Mister Watkins no dia 20 de setembro de 2021.

Em síntese, é possível concluir que este projeto conseguiu cumprir seus objetivos e apresentou uma produção artística na qual o território bem como suas vivências e histórias são expostas de maneira sensível e subjetiva, estimulando momentos de reflexão, intenção e presença.

Palavras-chave: Produção Cultural; Processo Artístico; Trabalho Manual; Mesquita.

FATORES DE RISCO ASSOCIADOS AO FEMINICÍDIO: CONTRIBUIÇÕES PARA O APRIMORAMENTO DE PRÁTICAS PREVENTIVAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Lívia de Meira Lima Paiva

Sandra Maria Pinheiro Ornellas

As transformações da resposta estatal às distintas formas de violência contra a mulher são evidentes nas últimas duas décadas, seja na eliminação de dispositivos discriminatórios da legislação penal, seja na inserção de normas penais que tutelem a integridade física e psicológica da mulher lesada por distintas expressões da violência de gênero, tais como o feminicídio, a importunação sexual, a violência psicológica, o estupro corretivo, o estupro coletivo, entre outras.

Em vigor desde 2006, a Lei Maria da Penha estabelece um marco importante na atuação das instituições que compõem o sistema de justiça para a *prevenir e coibir* (verbos utilizados pela própria lei) a violência doméstica e familiar contra a mulher. Em 2018, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) reafirma a importância da atuação proativa e eficiente das instituições no combate e prevenção da violência ao estabelecer a *Política Nacional Judiciária de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher* com objetivo de favorecer o aprimoramento da prestação jurisdicional em casos de violência doméstica e familiar (art. 2º, inciso IX).

Nos últimos anos observou-se o interesse das instituições que compõem o sistema de justiça no debate sobre a avaliação de risco no campo da violência contra a mulher, sobretudo no âmbito da violência doméstica. Em alguns Estados brasileiros, como Espírito Santo e Distrito Federal, inovadoras iniciativas buscaram estabelecer critérios de avaliação de risco. Em 2019, o CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público) elaborou um modelo de formulário denominado FRIDA (Formulário de Avaliação de Risco), a partir da revisão da literatura internacional (CNMP, 2019).

Em 2020, é instituído o Formulário Nacional de Avaliação de Risco por meio da Resolução Conjunta Nº 5 de 03/03/2020 (CNJ e CNMP) no âmbito do Poder Judiciário e do Ministério Público para a prevenção e o enfrentamento de crimes e demais atos praticados no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher. Pouco mais de um ano depois, em maio de 2021, a Lei 14.149 consolida a criação do Formulário de Avaliação de Risco com objetivo de “subsidiar a atuação dos órgãos de segurança pública, do Ministério Público, do Poder Judiciário e dos órgãos e das entidades da rede de proteção na gestão do risco” (art. 2º, §1º da Lei 14.149/21).

Não obstante a importância de um documento padronizado e de abrangência nacional, o Formulário foi construído sem que houvesse uma vinculação com pesquisa empírica sobre o tema em território nacional. A metodologia utilizada foi estruturada pela revisão das experiências internacionais a partir da análise da frequência de alguns indicadores em instrumentos de avaliação de países como: Portugal, Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Austrália. A pesquisa empírica objetiva dialogar com os critérios ali estabelecidos a partir da pesquisa de campo que poderá confirmar indicadores de risco já identificados, refutar ou acrescentar novos e, especialmente, articular possíveis interações que tornam algumas mulheres mais vulneráveis em determinados contextos.

Torna-se fundamental que a estruturação de critérios de avaliação de risco não se ampare somente a literatura técnica internacional sobre o tema, mas se alicerce em observações empíricas de distintas realidades dos territórios brasileiros e as múltiplas formas de expressão da forma mais letal de vitimação de mulheres. A pesquisa busca fornecer uma pequena contribuição, a partir do estudo dos casos na cidade do Rio de Janeiro.

Será apresentada a primeira etapa da pesquisa, composta por revisão sistemática de literatura sobre o tema fatores de risco de feminicídio. Segundo Galvão e Pereira (2014) a revisão sistemática de literatura inclui 7 etapas: “(1) elaboração da pergunta de pesquisa; (2) busca na literatura; (3) seleção dos artigos; (4) extração dos dados; (5) avaliação da qualidade metodológica; (6) síntese dos dados (metanálise); (7) avaliação da qualidade das evidências; e (8) redação e publicação dos resultados.” (GALVÃO & PEREIRA, 2014, p. 187). Através do programa livre de análise estatística *R* será a comparação dos dados sobre fatores de risco presentes nos artigos selecionados.

HORTA URBANA SOCIAL COM ÊNFASE NO EMPREENDEDORISMO

Nilda Paes de Azevedo

OBJETIVO

Este projeto nasce em Nilópolis, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Um dos treze municípios da Baixada Fluminense e um dos menores municípios do Brasil, com dezenove quilômetros de extensão, sendo apenas em perímetro urbano. Atualmente possui a maior densidade populacional urbana no Brasil, com mais de dezesseis mil habitantes por quilômetro quadrado.

A Hortas Urbanas previstas no projeto, acontecem nos terrenos recuados à beira das torres de alta tensão da concessionária de energia que abastece o Rio que, por isso, é popularmente

A HORTA URBANA SOCIAL é um empreendimento de impacto social idealizado por moradora com mais de 20 anos na localidade, conhecedora das necessidades das necessidades dos moradores da cidade de Nilópolis-RJ. Pensando no impacto da pandemia recentemente vivida, nas mudanças de Renda e Trabalho para as pessoas em situação de vulnerabilidade prejudicadas, foi criado então este projeto, dando acesso a estas pessoas, informações sobre PLANTIO SUSTENTÁVEL bem como isso os impacta diretamente em sua saúde e renda juntamente com seus familiares. Implantar este programa de atividades educacionais a respeito de plantio, alimentação saudável e sustentabilidade em um canteiro de horta urbana social nestas áreas de servidão ao longo da Via Light em Nilópolis – RJ, promoverá o empreendedorismo entre estes moradores, além da ação de fomentar a retirada destas pessoas da situação de vulnerabilidade social, econômica e alimentar que se encontram.

Influenciando uma mudança de hábitos alimentares destas pessoas, de modo a uma transição dos alimentos ultraprocessados a escolhas mais naturais, conscientes e ecológicas.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A Horta Urbana Social, prevista neste projeto, acontece nos terrenos recuados à beira das torres de alta tensão da concessionária de energia que abastece o Rio que, por isso, é popularmente conhecida como Via Light. Esta via liga os municípios do Rio de Janeiro a Nova Iguaçu, atravessando os municípios de São João de Meriti, Nilópolis e Mesquita. Ampliando assim mais atendimento as pessoas de que vivem em vulnerabilidade social, neste momento, moradores do município de Nilópolis.

Implantar, ao longo de 12 meses, um projeto de intervenção cultural e educacional que promova a valorização da alimentação natural e de comprovado valor nutricional, por meio da implantação de uma agenda de capacitações, ministrada pelos profissionais envolvidos na realização do projeto (engenheiro civil, elétrico, agrônomo, de segurança do trabalho, profissionais da área de alimentação e saúde. Etc.). Capacitações abrangente ao empreendedorismo e legalização de documentações, serão realizadas na ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E EMPRESARIAL DE NILOPOLIS,

bem como administração do projeto a cargo dos profissionais ali credenciados (contador, tesoureiro, jurídico etc.). Aulas de plantio, capacitação em conhecimento de segurança alimentar, cozinha piloto como desenvolvimento de mudas, ficam a critério do espaço da sede da AABC - Associação das Artes do Bairro Cabuis, que inclusive já possuem experiências com projetos semelhantes anteriormente.

Nas mediações temos a igreja Nossa Senhora das Graças, que promove a Pastoral da Criança, que assiste crianças em fase de crescimento e insegurança alimentar, desenvolvendo algumas doenças que afetam diretamente no crescimento e o desenvolvimento intelectual. Onde este projeto, ajudará resgatar o conhecimento popular, no uso e conhecimentos de plantas fazem parte da nossa vida. Familiares também moradores do entorno desta via.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

A HORTA URBANA SOCIAL COM ENFASE NO EMPREENDEDORISMO, foi a escolha estratégica para este projeto pois requalifica áreas urbanas abandonadas, proporcionando melhoria do solo e segurança a seus acessos. A estratégia desta horta nos vazios urbanos e miolo das torres de transmissão, tem sido apontada como importantes espaços multiuso, não só para produzir alimentos, mas também para disponibilizar espaços de lazer, essenciais para cidades que busquem a sustentabilidade e responsividade às necessidades dos habitantes locais. Ainda, sobre os benefícios dos espaços de cultivo para a cidade, por exemplo, diminuição das ilhas de calor, melhora da qualidade do ar, reaproveitamento de resíduos orgânicos e águas da chuva, promoção de uma maior biodiversidade, disponibilidade de alimentos seguros e locais, além de oportunidade de geração de renda, organização comunitária e convivência entre moradores e usuários. No município de Nilópolis, serão 05 bairros serão beneficiados (Cabuis, Nova Cidade, Novo horizonte, Paiol e Olinda) pois todos fazem limites com a via Light.

Finalizando os 12 meses da implantação, estes moradores cadastrados estarão aptos para seguirem o projeto com segurança, apoiados ainda pelo ICM VERDE criado pela prefeitura que garante o repasse do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

Influenciando assim uma mudança de hábitos alimentares de pessoas pobres e em situação de vulnerabilidade, de modo a uma transição dos alimentos ultraprocessados para escolhas mais naturais, conscientes e ecológicas

Bibliografia

<http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/5/19/a-segurana-alimentar-e-nutricional-no-brasil-diante-da-pandemia-do-novo-coronavrus>

<https://www.portaldbo.com.br/fao-indica-investir-em-seguranca-alimentar/>

<https://proceedings.science/arquisur-2019/papers/requalificacao-de-centros-urbanos--a-estrategia-das-hortas-comunitarias-nos-vazios-urbanos-e-miolo-de-quarteirao-?lang=pt-br>

<https://proceedings.science/arquisur-2019/papers/requalificacao-de-centros-urbanos--a-estrategia-das-hortas-comunitarias-nos-vazios-urbanos-e-miolo-de-quarteirao-?lang=pt-br>

INDÚSTRIA E A APROPRIAÇÃO DA ESTÉTICA ARTESANAL

Joyce Santos Rêgo De Albuquerque; Técnico;
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ); joyceasr2@gmail.com!;

RESUMO

Com súbito aumento do artesanato incentivado pelas tendências de consumo e comportamento, a apropriação da indústria sobre a estética artesanal cresceu significativamente. Seja pelo aspecto afetivo que remete aconchego, pela conscientização do público sobre os impactos da produção em massa ou até mesmo pela influência das tendências de moda e estilo de vida potencializadas por diversos canais de mídias principalmente pelas redes sociais são divulgados lançamentos, conceitos e tendências por profissionais que impactam mundialmente aspectos estéticos, sociais, econômicos, ambientais e comportamentais.

Atualmente diversos artigos de decoração com estética artesanal são produzidos industrialmente com matéria-prima e processos supertecnológicos aliados ao discurso de sustentabilidade ambiental (peças com menos impacto ambiental que as de produções industriais convencionais).

A estética é apropriada ao ponto de simular as imperfeições características de peças artesanais, além de outras características físicas. É inegável que a apropriação estética da indústria sobre o artesanato é extremamente negativa. O ritmo, o estilo de vida e lógica artesanal vão contra a lógica capitalista de produção que a indústria carrega.

A especificidade do trabalho artesanal envolve conceitos, características e permanência por ser resultado do trabalho de um indivíduo que possui o saber-fazer, que pode ser tradicional, passado através de gerações ou localidade e o fazer, de forma individual e coletiva.

Em contrapartida, na produção industrial o processo é dividido, o indivíduo só possui conhecimento sobre a etapa que produz/exerce. Não há estímulo criativo ou pertencimento. A prioridade está na produtividade, competitividade e lucro.

Além do impacto econômico resultado do preço competitivo que a indústria impõe sobre

o artesanal há também o impacto sobre as relações criador/comunidade que promovem bem-estar mútuo, sentimento de pertencimento e fomento da cultura e comércio local.

Como artesã analiso este cenário de forma coletiva e também individual sobre os temas relacionados ao artesanato e ao fazer artesanal. O artesanato como trabalho está para além da confecção das peças, está na razão do produzir, na trajetória e na identidade da artesã ou artesão.

A expressão da artesã/do artesão transmitida por meio de suas peças e/ou do seu saber-fazer apresentam diversas potências com possibilidades de transformar realidades a nível individual ou coletivo, com isso, além do impacto cultural as relações criadora/criador e compradora/comprador também são favorecidas pois na maioria das vezes estas são estabelecidas no momento da compra por meio de contato direto originando relações reais com conexões de afeto e admiração.

Por fim, considera-se a necessidade de discutir a importância do papel do artesanato e das artesãs e artesãos para a sociedade como agentes importantes para a cultura, economia, relações humanas e meio ambiente afim de conscientizar.

Palavras-chave: artesanato; apropriação; cultura; pertencimento.

NA TRAMA DO FIGURINO - UMA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL POÉTICA

PIMENTEL, Ana Carolina Reis Cavalcanti; Bacharel em Produção Cultural;
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ); anacarolina.rcpimentel@gmail.com;

RESUMO

“Na Trama do Figurino” é uma produção audiovisual que mostra de forma poética a construção de um figurino desde o seu processo de criação até sua utilização em uma performance artística. Este projeto contou com patrocínio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através do Edital Cultura Presente nas Redes 2.

O figurino é uma linguagem não-verbal impregnada de signos, que se caracteriza como uma parte fundamental da produção teatral. Sendo assim, ao longo dos vídeos é possível ver um pouco sobre os processos que permeiam a criação de um figurino, tais como pesquisa, concepção e produção, até chegar ao resultado final presente na apresentação.

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência de idealizar e produzir um projeto audiovisual poético que retrata processos artísticos e a realização de uma performance teatral sensível e subjetiva.

Sobre a metodologia, este é um estudo do tipo relato de experiência, descritivo e qualitativo, elaborado com base no trabalho de idealização, criação e produção do projeto “Na Trama do Figurino” entre os meses de fevereiro a junho de 2022.

O projeto está dividido em três vídeos: criação, produção e performance. No primeiro vídeo, é possível acompanhar um pouco dos processos de criação, elaboração e pesquisa para a produção de uma peça têxtil que fará parte do figurino da performance artística presente no terceiro e último vídeo. Já no segundo vídeo, é retratado o processo de confecção da peça têxtil, incluindo corte e costura, além das técnicas manuais de bordado e pintura. E no terceiro e último vídeo, é apresentada uma performance artística que segue o olhar sensível da personagem. Os conceitos de história, memória e identidade, bem como o fazer artesanal e seu caráter integrador, estão presentes tanto na construção do figurino quanto na performance em si, por essa razão na confecção do traje cênico foram utilizadas técnicas artesanais tais como bordado, pintura, tingimento natural, entre outros.

Durante a performance, a personagem caminha por um espaço de exposição no qual se (re)encontra com fragmentos do tempo em forma de peças de roupas. Estas peças fazem parte da sua história e estão carregadas de memória e afeto por terem pertencido a pessoas amadas.

Entre elas também está a peça principal do figurino que foi construída durante os dois primeiros vídeos.

Nesse cenário etéreo, as roupas são artefatos e relíquias cheias de simbologia, mediadores de relação entre as pessoas e o mundo que as cerca.

Depois desses emocionantes reencontros, a personagem se dirige ao centro do palco e de forma ritualística contempla os detalhes da peça produzida nos outros dois primeiros vídeos, um manto que possui diversas linhas como caminhos, além de raízes e palavras pintadas. Algumas das palavras presentes no manto são afeto, amor, arte, calma, entre outras.

Após vestir o seu manto, ela se dirige a um espaço no qual termina de bordar uma nova peça, que ao finalizar coloca no mesmo cabide em que o manto estava anteriormente. Dessa maneira, ela também deixa sua própria marca, um pedaço de si, exposta junto com as outras peças.

Todos os vídeos foram filmados na cidade de Mesquita, na Baixada Fluminense, sendo que o último vídeo, que apresenta a performance, foi realizado no Teatro Cássia Valéria, localizado no Centro Cultural Oscar Romero.

O projeto tem duração total de 30 minutos aproximadamente e foi dividido em 03 vídeos disponibilizados online no Youtube no dia 12 de junho de 2022. Como medida de democratização do acesso e acessibilidade, o terceiro e último vídeo, que conta com a narração de um texto poético, possui legendas.

O público alvo do projeto consiste em profissionais do teatro iniciantes ou não, além de outras pessoas interessadas em figurino, teatro e arte têxtil.

As principais conclusões deste relato são de que os processos artísticos podem ser diversos e plurais, além de ser realmente muito significativo e importante propagar e estimular produções artísticas realizadas por pessoas periféricas, dessa forma expondo o olhar de quem vive nessa região, bem como as diferentes experimentações e possibilidades que podem surgir a partir dessas criações.

Palavras-chave: Processo artístico; Produção audiovisual; Figurino; Performance artística.

O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ACESSO À JUSTIÇA POR MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR

Lívia de Meira Lima Paiva

Adriana Ramos de Mello

Maria Helena Barros de Oliveira

Rosangela Pereira da Silva

Letícia de Oliveira Machado

Thalyta Eloah Alves Santana

Mariana Cerqueira Abbud

As ratificações das Convenções de Belém do Pará, no âmbito do sistema regional de proteção de direitos humanos e da CEDAW, no âmbito do sistema global de proteção, estabeleceram ao Estado Brasileiro deveres de prevenir e punir a violência contra as mulheres. Internamente, legislação e política judiciária prescrevem a obrigação de articular ações de combate à violência e eliminação da discriminação e estereótipos no sistema de justiça.

Esta pesquisa partiu de dois marcos legais: a Lei Maria da Penha que traz em seu bojo normas programáticas de políticas públicas e atuação no combate a violência e a *Política Judiciária Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher*, que define diretrizes e ações de prevenção e combate à violência contra as mulheres e para a garantia da adequada solução de conflitos.

Visando combater a violência institucional sofrida por mulheres em situação de violência doméstica que buscam o sistema de justiça e articular medidas de combate, as Coordenadorias Estaduais da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (COEM), se configuraram em órgãos estratégicos para a atuação interinstitucional e elaboração de políticas públicas de acesso à justiça.

Esta pesquisa escolheu como objeto de pesquisa as atas das reuniões da COEM durante o ano de 2020 para buscar algumas respostas a perguntas como: Quais entraves do acesso à justiça? Quais os impactos e limites de atuação das instituições que compõem o sistema de justiça no combate a violência doméstica e familiar?

A pesquisa qualitativa exploratória dividiu-se em duas partes. Na primeira, fizemos um levantamento de dados acerca da violência doméstica durante a pandemia para identificar, a partir do que já foi produzido, o impacto desta no incremento ou não da violência e no acesso à justiça. Neste primeiro momento, descritivo, mapeamos as pesquisas já realizadas identificando os dados que estão facilmente disponíveis, os de difícil acesso e as ausências, isto é, os dados que deveriam

ter sido produzidos pelo poder público.

A etapa seguinte da pesquisa foi composta da análise das reuniões da COEM. Para tanto, utilizamos técnicas de pesquisa documental de fonte primária contemporânea. A codificação da fonte documental, por meio da metodologia da Análise Situacional – uma releitura de Adele Clarke da *Grounded Theory*, de Glaser e Strauss – permitiu reflexões sobre o impacto da pandemia nos casos de violência doméstica e familiar contra a mulher e o acesso à justiça, da perspectiva das profissionais envolvidas no combate e prevenção à violência doméstica. A utilização desta abordagem fez com que a equipe de pesquisa pudesse identificar e sistematizar dados sobre obstáculos ao acesso à justiça e refletir, a partir da atuação institucional, sobre a elaboração de políticas públicas judiciais eficazes no combate à violência doméstica.

As duas partes da hipótese foram confirmadas: a pandemia incrementou obstáculos históricos enfrentados ao acesso à justiça e já identificados anteriormente na literatura sobre o tema e impôs novos entraves.

A pandemia ressaltou as desigualdades sociais, de gênero e racial, gerando um efeito colateral na vida das mulheres, que perderam seus empregos, grande parte trabalhava na informalidade, sofreram com a insegurança alimentar e a exclusão digital. Em primeiro lugar, o impacto negativo na pandemia na vida das mulheres pôde ser observado na maior vulnerabilização socioeconômica (insegurança alimentar, desemprego, aumento do trabalho doméstico de cuidado com crianças e idosos/as) e no aumento da violência nos lares (com o mencionado incremento das tensões devido à situação de emergência e o confinamento das mulheres com seus agressores em casa).

Com relação às instituições, a pandemia agravou alguns obstáculos estruturais já existentes como a falta de investimento em infraestrutura e recursos humanos. A ausência de servidores capacitados e sensíveis a gênero, a falta de equipamentos de proteção individual (EPI), de telefone nos centros de referência de atendimento às mulheres, até a distância dos fóruns e o medo da contaminação pelo vírus da COVID-19 foram alguns dos obstáculos identificados. O fechamento de serviços essenciais, como as delegacias de polícia, que não incluíram expressamente no rol de crimes que demandariam atendimento presencial obrigatório os praticados em contexto de violência doméstica e familiar, representou um dos maiores entraves no acesso à justiça no período analisado.

Com relação à resposta do poder executivo, identificou-se a ausência da transversalização da perspectiva de gênero. A análise das dinâmicas das reuniões revelou a ineficácia na articulação de políticas públicas e/ou ações pontuais capazes de mitigar a violência nos lares, já que mulheres em situação de violência doméstica não foram incluídas como grupo prioritário em quaisquer

programas/ações sociais.

Por fim, concluímos que a COEM se estabeleceu como um órgão estratégico para identificar obstáculos e articular, em diálogo com as instituições que compõem a rede, estratégias de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. O processo de codificação das atas revelou algumas categorias de análise acerca das respostas articuladas pelas instituições: 1) a pressão por políticas e ações com perspectiva de gênero, 2) a pressão para melhoria da infraestrutura das instituições que compõem a rede de proteção à mulher em situação de violência e 3) aprimoramentos dos serviços e expedientes que refletem no dever da devida diligência.

PONTES DE SABERES E AS CONEXÕES ENTRE DIVERSAS NARRATIVAS

PONTES, Dayane Brandão; Bacharelada de Produção Cultural; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro; dayane.brandaopontes03@gmail.com

RESUMO

O presente documento tem o intuito de apresentar os trabalhos realizados durante o projeto Narrativas Visuais da Baixada, coordenado pela professora Nena Balthar, do IFRJ campus Belford Roxo, assim como os resultados dos estudos de processos e procedimentos gráficos das técnicas de gravura. No projeto foram oferecidas oficinas gráficas de forma online e presencial e uma curadoria para o Museu Vivo do São Bento (MSVB), sobre o artista Barboza Leite em conexão com a Revista Van. Essa curadoria foi realizada juntamente com a Professora Lara Ovídio, do IFRJ campus Belford Roxo, e as estudantes bolsistas da Revista Van¹, Débora e Marianna.

Partimos da análise do texto “Os ofícios ou Uma cartografia de Aranha”, de Renata Marquez, como texto introdutório à pesquisa sobre construção de Narrativas Visuais da Baixada. Para a curadoria foram feitas pesquisas no acervo virtual do MVSVB sobre o artista Barboza Leite. Posteriormente outras leituras² auxiliaram o andamento da pesquisa, principalmente para entender a leitura da geografia dos locais citados, assim como se dá a construção de uma imagem ou da memória. Os estudos se guiaram pela descoberta e interesse em entender a importância que as circulações presentes nas feiras e camelódromos possuem e em como ambos contribuem para conhecer a narrativa das cidades, em especial as cidades na Baixada Fluminense.

Assim como no texto de Marquez, que descreve sobre as ligações que uma teia de aranha pode criar, a feira também cria pontes entre diversos saberes. Ao longo do processo de pesquisa desenvolvemos trabalhos gráficos, através de experimentos com carimbos e gravuras feitos com materiais alternativos. A continuidade do processo de estudo sobre as feiras foi importante para a realização da curadoria no MVSVB. Barboza Leite retratou de múltiplas linguagens artísticas “a grande feira”, que acontecia na cidade de Duque de Caxias. O artista não se aproximava das feiras somente pelo interesse comercial, mas também mantinha um afeto relacionado à sua cidade natal, no Ceará, por representar uma reunião de costumes trazidos pelos nordestinos para a Baixada

¹ Revista Van: Revista de moda do Instituto Federal do Rio de Janeiro - Campus Belford Roxo.

² COSGROVE, Denis; A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; Imagem e Memória.

Fluminense no Rio de Janeiro. Mais uma vez as feiras se mostraram locais de trocas e aprendizados através de circulação de culturas diversas que permitem coabitar em um único espaço em rica e múltipla manifestação cultural. Criando dessa forma novas histórias e visualidades através dessas ocupações.

O Projeto de Extensão Narrativas Visuais da Baixada modificou meu olhar para as técnicas gráficas e possibilidades artísticas que somos capazes de construir, e também a relação que temos com o lugar que ocupamos. Como exemplo temos o trabalho desenvolvido ao longo do projeto, Vira-Lata Caramelo (figura 1): uma série de três gravuras que narram a figura de um cão presente na memória de diversas pessoas. Ele é popularmente conhecido entre os moradores da Baixada e se trata de um cachorro com pelo cor caramelo, visto em cada bairro como amigo dos moradores. Uma importante contribuição do Projeto foi conhecer a área de pesquisa sobre nossas culturas, o que me motivou a ingressar na graduação de Produção Cultural do IFRJ - Campus Nilópolis para seguir com os estudos. Pois foi através dessas pesquisas que pude desenvolver um novo olhar para a região que vivo, da mesma forma adquirir a consciência de pertencimento à Baixada Fluminense, entendendo que é possível criar e contar novas narrativas a partir do que já vem sendo construído e das nossas experiências. Os conhecimentos adquiridos e aplicados em meus trabalhos artísticos e artesanais, possibilitaram a compreensão e o valor de cada ofício. Por fim, afirmo que é importante que as universidades continuem fomentando projetos como este, que criam pontes entre o ensino formal e o informal, possibilitando que novas narrativas sejam criadas e reproduzidas.



Figura 1: Construção da narrativa Vira-Lata Caramelo³

Palavras-chave: Narrativa, Baixada, Gravura, Feiras, Pertencimento.

³ Narrativa Vira-Lata Caramelo: técnica de gravura realizada com a utilização de caixa de leite laminada como matriz, de efeito semelhante às gravuras em metal.

REFLEXÕES SOBRE CUSTOS E PREÇOS DO PRODUTO ARTESANAL

FIGUEIREDO, Cassia Mousinho; Dr.a;
Instituto Federal do Rio de Janeiro campus Belford Roxo;
cassia.figueiredo@ifrj.edu.br;
LEITE, Estevão Cristian da Silva; Especialista;
Instituto Federal do Rio de Janeiro campus Belford Roxo;
estevao.leite@ifrj.edu.br;
Projeto de Extensão Programa Academia Econocria
Grupo de Pesquisa Design, Artesanato e Tecnologias

RESUMO

Esse trabalho é parte da pesquisa “Valor do produto artesanal” e do trabalho realizado pela extensão Núcleo de Apoio ao Artesão (FIGUEIREDO; LEITE; ARGENTO, 2021). Utilizamos algumas das questões que são comumente levantadas pelos artesãos para fazer algumas reflexões acerca dos custos e preços de venda dos produtos artesanais.

Esse assunto já foi abordado pelo nosso grupo outras vezes através de workshops e seminários, mas as dúvidas parecem nunca se esgotar. Observa-se que há uma carência na formação do profissional empreendedor e que esse assunto é pouco explorado na literatura e nas mídias sobre artesanato.

Nosso objetivo é mostrar que é possível abrir caminho para outros produtos no portfólio do artesão, ter outras perspectivas e não se prender apenas a aquele modelo apresentado em cursos ou revistas de artesanato. Também procuramos mostrar que há opções que podem trazer prejuízos e que, por isso, sugerimos que sejam evitadas.

Neste trabalho não pretendemos apresentar cálculos detalhados, que de outra forma deveriam incluir também os custos indiretos de produção, instalação, impostos, etc, mas fazer um estudo de caso para colocar em discussão as possibilidades de emprego de uma mesma técnica de artesanato em tipos variados de produtos para avaliar qual deles pode gerar um melhor retorno financeiro por unidade.

Apresentamos três produtos diferentes, confeccionados por um de nós, nos quais é utilizada a mesma técnica de pintura em tecido à mão livre, e que demandam tempo, empenho e técnica semelhantes. Listamos as peças na tabela a seguir, com seus respectivos custos com matéria-prima:

Peça	Materiais	Total (R\$)
Pano de prato	Pano de prato 57 x 47cm embainhado: R\$11,90 Tinta: R\$3,00	14,90
Ecobag	Ecobag de algodão cru: R\$12,00 Tinta: R\$3,00	15,00
Camiseta	Camiseta de malha: R\$40,00 Tinta: R\$3,00	43,00



Fonte: Elaboração própria

Calculado com base em preços de materiais pesquisados em agosto de 2022 Para equilibrar o tempo de produção, os produtos em questão foram trabalhados em peças prontas: pano de prato embainhado, ecobag e camiseta prontos. Vamos considerar a formação do preço de venda desses produtos pela concorrência, pois os artesãos sempre relatam as comparações realizadas pelos clientes. Foi feita uma pesquisa no site Elo7, por sua grande abrangência, onde foram levantados produtos que atendessem aos critérios de materiais, dimensões e técnica semelhantes. Os preços de venda mínimos e máximos estão na tabela abaixo:

Peça	Preço mínimo (R\$)	Preço máximo (R\$)
Pano de prato	28,00	35,00
Ecobag	40,00	65,00
Camiseta	80,00	110,00

Fonte: Elaboração própria Preços pesquisados em agosto de 2022

Devemos ressaltar que no artesanato há uma lacuna difícil de quantificar, que se refere a valores intangíveis, como a habilidade técnica do artesão, o resgate histórico e o impacto que provoca no público. Mas pelo que foi identificado nesta pesquisa, observou-se entre as camisetas uma variação maior de preços, assim como uma gama muito maior de estilos e possibilidades. Por outro lado, os panos de prato têm uma margem de contribuição tão apertada, que a conta resultará em saldo negativo quando forem aplicados os demais custos demandados pelo negócio artesanal.

Reflexões e Considerações Finais

O que foi apresentado neste texto é um fragmento de um estudo mais aprofundado desenvolvido pelo grupo de pesquisa, em busca de promover uma relação de trabalho que seja financeiramente sustentável para os artesãos. Após essa explanação, fazemos algumas ressalvas e propomos algumas reflexões.

Há vários fatores de mercado que impactam na rentabilidade do artesão, como o volume de vendas, mas vimos que produtos como o pano de prato têm uma margem tão estreita que beiram o prejuízo.

Será que vale a pena investir tanto para produzir algo dessa natureza? O mercado é movido por uma dinâmica muito mais complexa do que as nossas reivindicações pela valorização dos nossos produtos. Como, por exemplo, percepção de qualidade e valor, escassez e exclusividade, *status* e significado do produto.

Sobre o significado do produto, após a breve análise dos três produtos apresentados, e com base em discussões já realizadas em sala de aula, pode-se inferir que o significado tem um grande peso na variação da precificação. O pano de prato pode ser visto como “pano de enxugar louça”, o que remete apenas à sua utilidade. Neste caso, qualquer pano serve, desprezando o trabalho nele empregado. A camiseta, por outro lado, adquire funções como “forma de expressão”, “estar bem vestido/a”, que agregam a ela um valor muito maior do que a mera função

de vestir.

Nas lojas do Elo7 também percebemos uma segmentação e uma divisão temática. Isso significa que as estampas utilizadas no pano de prato não são as mesmas para a ecobag, e são diferentes também da camiseta. Desta forma, o artesão que procura mudar de produto, e nós o encorajamos a fazê-lo, deve buscar atualizar-se a respeito de técnicas e estilos para uma melhor aceitação de mercado.

Palavras-chave: Artesanato; Empreendedorismo; Precificação.

Referências Bibliográficas

FIGUEIREDO, C. M.; LEITE, E.C.S. ; ARGENTO, R. S. . Núcleo de Apoio ao Artesão: o encontro entre artesanato e empreendedorismo. In: SANTOS, H. H.O, et al (org). Diálogos a partir da Baixada Fluminense: design, território, identidade. p. 59-74, 2021.

Disponível em:

<[https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/Belford%20Roxo/Arquivos/dialogos a partir da baixada fluminense ebook ifrj.pdf](https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/Belford%20Roxo/Arquivos/dialogos%20a%20partir%20da%20baixada%20fluminense%20ebook%20ifrj.pdf)>

O LUGAR DE FALA DO NEGRO NA CIÊNCIA

GONÇALVES, Thadeu Barbosa; Pós-Graduado
e-mail: thadeubarbosa377@gmail.com

RESUMO

GONÇALVES, Thadeu Barbosa. **O Lugar de falar do negro na ciência.** 2022. 12 f. Relato de Experiência - Instituto Federal de Campus Belford Roxo, Rio de Janeiro, 2022.

O resumo do relato experiência tem como intuito reflexivo sobre o lugar de fala do negro na ciência e na parte educacional, visto que negros e pardos, ainda nos dias de hoje, estão atrasados comparados aos brancos nas questões educacionais, socioeconômicas e de saúde. Percebe-se, pois, que o avanço ainda está longe do que idealizamos como igualdade para ambas as partes, a fim de que todos possam desfrutar de uma vida igualitária. O propósito do relato é ampliar a visão dos leitores para que tenham o melhor o alcance sobre o tema abordado. A pesquisa tem como objetivo retirar qualquer dúvida sobre esse assunto.

Vemos que, cada vez mais, há uma preocupação de forma crescente sobre o tema nos dias atuais, por isso havendo a necessidade de falarmos sobre isso que nos rodeia e tentar usar as melhores formas para atenuação desse agravo. Esse relato experiência se baseia na fala sobre vários aspectos, não só direcionais para a ciência, mas também, para a estética, a cultura, de forma socioeconômica, para a educação e os direitos humanos. É por isso que a pesquisa possui uma visão ampla sobre o que será discutido de uma forma que tenta enxergar todos os fatores e aspectos.

A estética da mulher negra, principalmente discutida no relato a ser apresentado, é uma forma de direito à identidade que objetiva reverter a imagem negativa da população negra construída socialmente no decorrer do processo histórico. A pesquisa também traz as informações que mostram que, desde o período colonial, existe essa construção estereotipada e, conseqüentemente, que se mostram até os dias de hoje dentro de nossa sociedade.

Palavras-chave: Negros; Educação; Informação.

Objetivo

O objetivo do relato é demonstrar a desigualdade socioeconômica, cultural e de saúde entre negros, pardos e brancos e inferir a importância de inserir o negro no mercado de trabalho para trazer igualdade contrária ao que produz a atual sociedade.

Métodos

A metodologia do trabalho foi um levantamento bibliográfico e uma revisão de literatura

com um consequente relato de experiência.

Resultados

Ao analisar o levantamento bibliográfico feito nota-se que ainda existe uma distinção, na área acadêmica e na sociedade, entre brancos e negros, que ainda ganham menos e, comparados com pardos, ganham menos ainda. O resultado desta pesquisa mostra as diferenças entre pretos, pardos e brancos em seus múltiplos aspectos e áreas de compreensão da temática. Demonstra, também, que precisamos de ações de intervenção para atenuar essa desigualdade.

Conclusão

Conclui-se que, apesar de todo o avanço que permeia nossa sociedade, ainda precisamos avançar em relação às desigualdades cultural, socioeconômicas e educacional de negros comparado aos brancos. Através das pesquisas e dos levantamentos bibliográficos feitos em relação ao tema discutido no relato científico percebeu-se que ainda estamos muito atrasados comparado a outros países, onde a desigualdade não é tão latente quanto no Brasil. É, portanto, um problema que precisa ser divulgado, analisado, compreendido e mencionado de todas as maneiras.

Nota-se, todavia, que houve um avanço, mas é urgente, ainda, muitas mudanças para que possamos dizer que estamos numa sociedade igual. Ainda nos dias de hoje vemos nas mídias sociais reportagem e pesquisas através de sites de pesquisas realizadas que a desigualdade ainda vigora.

Quando analisamos, por exemplo, a taxa de analfabetismo, podemos perceber que os negros e pardos continuam com alta taxa quando comparados aos indivíduos brancos.

Quanto ao desemprego, também podemos perceber que é esse um fator relevante para concretizar a desigualdade relatada na pesquisa científica. Diante disso podemos concluir que alguns aspectos mudaram mais ainda o resultado, sendo, portanto, insatisfatório quando falamos sobre igualdade.

O trabalho demonstra, ainda, que quando falamos sobre ciência esses números ficam mais expressivos. A focalização do relato científico e poder trazer de forma reflexiva sobre a desigualdade socioeconômica cultura, estética e educacional torna esse o principal aspecto discutido. Notamos, ainda assim, que no período de experiência do autor como monitor de epidemiologia e participante do projeto de extensão, que poucos negros e pardos estavam inseridos, apesar de ser o local de trabalho uma instituição amorosa que dá oportunidades para ambos os sujeitos.

O relato científico demonstra que a participação de pardos e negros são pequenas até em programas de iniciação científica. Nos faz perceber que o início de uma vida acadêmica para

quem almeja fazer o mestrado, doutorado e pós-doutorado é difícil. Quando chegamos aos patamares mais altos, como o mestrado e o doutorado, a representação ainda é menor no doutorado, sendo esse um fato mais visível. Já no pós-doutorado é ainda pior.

O relato também analisou sobre professores universitários negros, cientistas e apresentadores televisivos cuja representação é ainda menor.

Concluímos, com isso, que, apesar de todas as formas para diminuir essa situação de desigualdade entre negros, pardos e brancos, ainda precisamos reverter esse quadro que, a cada dia, continua estagnado em nossa sociedade.

Logicamente temos a utopia de que houve significativa melhora, mas quando analisamos, de fato, percebemos que precisamos avançar em vários aspectos, principalmente na questão educacional, concomitante com o socioeconômico, o cultural e o estético.

Não obstante, a ausência de produtos estéticos para negros é algo também expressivo, ou seja, não podemos só olhar de forma unidirecional, é necessário notar, também, todos os âmbitos para podermos conscientizar a sociedade cada vez mais e mais nos dias atuais.

O engajamento do relato visou trazer, de uma forma clara e concisa, um tema tão relevante para a sociedade, pois precisamos perceber e modificarmos essa situação. É, portanto, com a valorização desses indivíduos que conseguiremos mudar essa realidade. Ao analisarmos que apesar dos anos que se passaram desde do período colonial ainda há resquícios de um passado que afeta até os dias de hoje. Sabemos que é um assunto que infinito cada dia mais novas pesquisas, reportagem, vão abordar sobre esse assunto aqui é uma pequena forma de contribuição para um tema tão relevante e essencial sendo discutido nos dias de hoje. Percebemos que cada dia nas mídias sociais o tema é abordado cada vez mais e mais. Isso nos incentiva a acreditar que essa situação poderá ser modificada cada vez mais.

RESIDÊNCIA INCLUIR NO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO: PENSANDO ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS AUTISTAS

COSTA, Fernanda Carla da Silva; Mestra em Ciência da Informação;
IBICT/UFRJ; costas.fernanda@gmail.com;

RESUMO

Atualmente muito se fala em acessibilidade, pois essa é uma das demandas que nossa sociedade precisa equalizar para alcançar possibilidades mais equânimes ao cotidiano. Pensar nesse contexto é necessário para todas as pessoas e, em especial, para as pessoas com deficiência, que dependem de diversos recursos para acessar e permanecer no mundo. Assim, a acessibilidade é classificada a partir de algumas divisões: atitudinal, arquitetônica, comunicacional, instrumental, metodológica e programática. Cada uma dessas divisões está relacionada a como devemos interrogar a nós mesmos e à nossa volta sobre o direito à acessibilidade. Por vezes, dentro da ideia de direitos e leis sobre tal, temos a acessibilidade muito mais atrelada a questões arquitetônicas dos espaços, que são sem dúvida imprescindíveis, mas não configuram necessariamente o acesso para todas as pessoas com deficiência, o que chama atenção para a necessidade de iniciativas que possam ir além e coloquem em vista as outras divisões de pensar a acessibilidade. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência como residente do Museu de Arte Moderna do Rio (MAM/Rio) na residência Incluir e sendo uma pessoa autista. Essa residência tem como foco ampliar o acesso ao museu no sentido de democratizar e fortalecer o diálogo com os diversos públicos e com a cidade a partir de processos inclusivos e acessíveis à educação, arte e cultura (MAM RIO, 2022). A partir dessa experiência, podemos constatar a necessidade de colocar pessoas com deficiência nos espaços para pensar e produzir acessibilidades, neste caso, com um olhar voltado em especial para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), em que os indivíduos são diversos em suas necessidades de acessibilidade. Por fim, o que pudemos vivenciar e relatar está relacionado à necessidade de formar as pessoas que trabalham no espaço para o entendimento, trato e comunicação relacionada ao autismo, à adaptação de horário especial de funcionamento para o público que assim se sentir melhor por necessitar um ambiente com menos estímulos sensoriais, à indicação de desenvolvimento de mapa

sensorial do espaço, exposições e atividades, além da realização do evento Acessibilidade em Diálogo, que trouxe diversos tipos de pessoas com deficiência para falarem nesse ambiente sobre arte, criatividade e produção de conteúdo.

Palavras-chave: Acessibilidade; Autismo; Residência-Incluir; MAM/RJ.

Referências

MAM/RJ (Rio de Janeiro). **Residência Incluir**. 2022. Disponível em: <https://mam.rio/residencias/residencia-incluir/>. Acesso em: 05 set. 2022.

UPCYCLING EM JEANS: relato para construção de um produto de moda pró-sustentável

Silva, Amanda Olívia; Especialista⁴;
Técnica administrativa em educação, IFRJ;

Resumo

O presente artigo trata da elaboração de um produto pró-sustentável, baseada em técnica de reuso que promova laços entre o consumidor e a peça para que esta tenha maior vida útil. Objetiva demonstrar o desenvolvimento de um produto de moda para o segmento de jeanswear a partir do conceito upcycling. Para tanto, a metodologia foi a pesquisa prática, que consistiu na pesquisa prática em modelagem, na apresentação dos processos e construção de uma peça pró-sustentável considerando os problemas apresentados.

Palavras-chave: jeans, moda pró-sustentável, upcycling.

Objetivo

Desenvolver um produto de moda para o segmento jeanswear, a partir do conceito upcycling – “técnica de se melhorar e agregar valor a um produto ou material que, de outra forma, seria jogado fora” (GWILT, 2014, p.161), em vista de contemplar as questões relacionadas ao design sustentável referente tanto a escolha de matéria prima, quanto para o ciclo de vida útil do produto. A fim de reduzir as consequências da fabricação de novos produtos, este trabalho justifica-se na intenção de demonstrar não ser preciso a utilização de tecidos virgens para a criação de moda.

O descarte em jeans mais encontrado em brechós e afins, são as calças jeans, por motivos de modelagens datadas, manchas e/ou rasgados em lugares específicos. O tecido é construído através da trama de sarja, um ligamento forte e estável, largamente utilizado para construção de vestimentas profissionais. O jeans é um produto de moda multifacetado e plural, sendo capaz de se transformar facilmente em diversos artefatos. Os princípios seguidos foram:

⁴ Amanda Olívia Silva é especialista em Gestão e Planejamento em Modelagem: Alfaiataria Industrial (SENAI CETIQT), graduada em Artes Cênicas com Habilitação em Indumentária (UFRJ), técnica em Modelagem do Vestuário (SENAC). Atua como Técnica de Laboratório área Vestuário e Acessórios (IFRJ), amanda.olivia@ifrj.edu.br.

- Desconstruir peças acabadas em jeans para construir um maxi colete/vestido por sua versatilidade. O modelo foi escolhido por aumentar a sua vida útil e diminuir a necessidade de consumo;
- Agregar valor ao descarte têxtil, neste caso o jeans, ressignificando seu uso;
- Realizar um produto de qualidade e de acabamentos executáveis industrialmente;
- Pensar em acabamentos viáveis que demandem - aviamentos naturais ou do próprio produto - para mitigar os novos impactos socioambientais, e que poderão ser reabsorvidos por processos de reaproveitamentos de matérias-primas.

Métodos e Técnicas

O processo parte da desconstrução de peças acabadas em jeans (calças jeans) para construir um modelo de roupa atemporal e funcional. O modelo escolhido foi o maxi colete/vestido posto que a versatilidade do produto fará que o usuário o utilize de formas diversas, assim, aumentando sua vida útil e diminuindo a necessidade de consumo.

Além do jeans resgatado foi usado como forro o tecido algodão cru orgânico (acervo da autora) e botões de madrepérolas de reuso, escolhas compatíveis com o conceito de upcycling e design sustentável.

As calças jeans foram resgatadas em brechós pela autora e de doações de terceiros. Com a intenção de somar áreas úteis para confecção do maxi colete/vestido foi aplicada a técnica de união de recortes de tecidos de forma despojada, estilo patchwork descontraído, tendo como referência as imagens na Figura 1:



Figura 1

Processo de Modelagem

O desenvolvimento da modelagem ocorreu através da técnica bidimensional (plana). Para o estudo inicial do modelo me fundamentei nos livros de Rolim e Radicetti (2009) – Fulco e Silva (2014). A partir da construção da base de vestido, foi realizada a interpretação do modelo maxi colete/vestido.

A descrição do modelo ficou: maxi colete/vestido em jeans de reuso recortado com gola xale assimétrica, gola inteira na frente direita; pé de gola na frente esquerda. Acompanha cinto (união de dois coses de calças jeans).

As modificações realizadas foram:

Frente

- Altura do modelo;
- Deslocamento da cava, ombro, pescoço;
- Transpasse do centro frente para criação da gola;
- Construção da gola xale assimétrica: frente direita (gola inteira), frente esquerda (pé de gola);
- Bainha levantada na linha do transpasse;
- Produção dos recortes da princesa (ombro a bainha);
- Marcação dos botões na frente direita, respectivamente, indicação das casas de botões no recorte da frente esquerda;
- Vestibilidade lateral;
- Divisão dos moldes: frente direita (1x), frente esquerda (1x), lateral frente (1 par);
- Margem de costura.

Costas

- Mesmos deslocamentos, e recorte da princesa;
- Rebaixamento do degolo costas;
- Transferência da largura do ombro frente para as costas;
- A pence da cintura fora reduzida para construção da pence no centro costas;
- Produção dos recortes da princesa (ombro a bainha);
- Vestibilidade lateral;

- Divisão dos moldes: centro costas (1 par), lateral costas (1 par);
- Margem de costura.

Houve a conferência do contorno da peça, com atenção nas regiões do ombro e lateral. A partir do estudo inicial, foram criados os forros (frente e costas), as limpezas (cava, gola e bainha), e o transporte das marcações dos botões para limpeza frente direita. Posteriormente, cada recorte (frente direita e esquerda, lateral frente, lateral costas e centro costas) foram divididos em novos segmentos para criar um *design* diferenciado.

Processo de Encaixe, Corte e Montagem

Realizado o processo de modelagem plana, na Figura 2 apresenta-se a seleção da matéria prima, o encaixe da modelagem e a combinação dos jeans para elaboração de um modelo esteticamente atrativo de acordo com a referência.



Figura 2

Na Figura 3, depois do corte de todas as modelagens realizadas, houve a união dos recortes da frente direita e esquerda, das costas (parte externa), dos forros e limpezas (parte interna).



Figura 3

Em seguida, o processo de montagem foi concluído com a junção das partes anteriores, assim todo o modelo foi forrado e as costuras ficaram embutidas, ganhando um acabamento elegante. Na Figura 4 é possível constatar o acabamento, inclusive o abotoamento foi internalizado (botões na frente esquerda) e as casas de botões foram criadas nos intervalos da frente oposta.



Figura 4

Finalmente, na Figura 5 e 6, o modelo pronto com suas variações por conta da gola xale assimétrica, podendo ser usado com o cinto (cós de duas calças jeans) ou não, solto como colete e vestido quando fechado.



Figura 5



Figura 6

Resultados

O resultado foi positivo, pois o modelo superou as expectativas. A gola xale assimétrica proporcionou uma peça múltipla, o tecido pesado dá a rigidez sem o uso de aviamentos para estruturação. Os acabamentos embutidos, a boa vestibilidade e o modelo simples completam um produto de moda atemporal.

Por outro lado, dentre as dificuldades enfrentadas durante o processo de construção é possível listar o grande esforço necessário para o desmanche de pares de calças jeans, para o encaixe das modelagens, para encontrar o fio sem desrespeitar a área do molde e, por fim, para costurar o jeans sem equipamento robusto. Porém, dentro de uma confecção industrial de jeanswear, essas questões serão bem resolvidas.

O modelo supri as demandas dos consumidores conscientes, e possivelmente se torne desejável para os demais. A construção é economicamente viável, em menor escala dada a complexidade da modelagem, exemplo: em uma coleção pequena e exclusiva dentro de um catálogo de outros produtos.

Considerações Finais

O projeto vislumbrou a técnica de *upcycling*, que permite o prolongamento da vida do material com base no aumento de aproveitamento e do valor do mesmo aplicada a moda pró-sustentável. O resultado foi positivo, pois o modelo superou as expectativas. A gola xale assimétrica proporcionou uma peça múltipla, o tecido pesado dá a rigidez sem o uso de aviamentos para estruturação. Os acabamentos embutidos, a boa vestibilidade e o modelo simples completam um produto de moda atemporal.

Por outro lado, dentre as dificuldades enfrentadas durante o processo de construção é possível listar o grande esforço necessário para o desmanche de pares de calças jeans, para o encaixe das modelagens, para encontrar o fio sem desrespeitar a área do molde e, por fim, para costurar o jeans sem equipamento robusto. Porém, dentro de uma confecção industrial de jeanswear, essas questões serão bem resolvidas.

Referências Bibliográficas

FULCO, Paulo; SILVA, Rosa. Modelagem plana feminina: métodos de modelagem. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.

GWILT, Alison. Moda sustentável: um guia prático. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MÜLLER, Madeleine. Moda sustentável, consumo consciente e comunicação: estudo de casos no Rio Grande do Sul. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016.

ROLIM, Cristina; RADICETTI, Elaine. Modelagem industrial feminina: construção de bases, técnicas e interpretações de modelagem. Rio de Janeiro: Clube dos autores, 2009.

SALCEDO, Elane. Moda ética para um futuro sustentável. São Paulo: GG Moda, 2014.